

RELIGIOSIDADE, DEUS E O DIABO NO GRANDE SERTÃO: VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA

RELIGIOUSITY, GOD AND THE DEVIL IN THE GRANDE SERTÃO: VEREDAS OF
GUIMARÃES ROSA

Bernadete Alves de Medeiros Marcelino¹

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar uma reflexão sobre religiosidade, Deus e o Diabo presentes em algumas partes do Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Visando refletir os quesitos apresentados, adotamos como método, além da leitura da obra, consultas a diversificadas abordagens, criando possibilidades para compreendê-la um pouco melhor. Grande Sertão: Veredas é um clássico da literatura brasileira que a partir de uma riquíssima combinação de gêneros literários, traz à tona “subconscientes” do Brasil. Uma realidade múltipla, que ao envolver inúmeros fatores, revela-nos um universo bastante expressivo sobre religiosidade, Deus e o Diabo que emanam das ideias do homem do sertão. Este, que diante das intempéries da vida, busca incessantemente explicações para o bem e do mal que vivencia no seu dia a dia.

Palavras-chave: Grande Sertão: Veredas; Religiosidade; Deus; Diabo.

Abstract: The purpose of this text is to present a reflection on religiosity, God and the Devil present in some parts of the Great Sertão: Veredas, from Guimarães Rosa. Aiming to reflect the presented questions, we adopted as a method, besides reading the work, consultations with diverse approaches, creating possibilities to understand it a little better. Grande Sertão: Veredas is a classic of Brazilian literature that from a rich combination of literary genres, brings to the fore "subconscious" of Brazil. A multiple reality, involving many factors, reveals a very expressive universe about religiosity, God and the Devil that emanate from the ideas of the man from the backlands. This one, who in the face of the intemperies of life, seeks incessantly explanations for the good and evil that he experiences in his daily life.

Keywords: Grande Sertão: Veredas; Religiosity; God; Devil.

1) Introdução

Grande Sertão: Veredas (1956), obra escrita por João Guimarães Rosa (1908-1967), é um clássico da literatura brasileira, que a partir da observação de um dado contexto, traz à

¹ Doutoranda em Ciência da Religião (PUC SP), bernadetemarcelino@outlook.com.br
[revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 32, dezembro de 2018]

tona “subscientes” do Brasil. Uma combinatória de gêneros literários: lírico, gramático, épico (ARRIGUCI, 2006), que por meio de uma técnica narrativa admirável, une o pitoresco e o essencial (CANDIDO, 2006). Podemos dizer que “é uma releitura intensa e um ‘reescrever’ da obra do grande precursor, Os Sertões, de Euclides da Cunha”.

Uma verdadeira retomada, porém minuciosa, da obra euclidiana. (BOLLE, 1994/1995, p. 84 e 85). Rosa mescla formas narrativas, temas e caracterização dos personagens, e de maneira genial desenvolve complexas questões, como a existência ou não do diabo, custos relacionados à civilização, e à própria insuficiência da lógica, dando a esta uma característica singular (PIZA, 2006). O “Sertão é o sem-lugar que dobra mais adiante, territórios”, o “moderno ambíguo de um País no qual o crescimento das cidades desagregou o interior”. Neste, o estabelecimento de uma determinada política fortaleceu a inexistência da ordem, que por sua vez, prevaleceu (STARLING, 2006).

Mas, a obra traz também uma realidade múltipla, que deve ser pensada no plural (MARTINS, 2006). Esse plural que envolve inúmeros fatores e pode nos levar a um universo bastante expressivo sobre religiosidade, Deus e o Diabo, que emanam das ideias do homem do sertão. Assuntos, que a luz da abordagem de alguns autores, pretendemos desenvolver. Nesse sentido, iniciaremos posicionando o leitor sobre a obra e seus principais personagens, e em seguida, a partir de pequenos trechos de algumas situações relacionadas ao assunto proposto, fazer uma reflexão.

2) Grande Sertão: Veredas

Inicialmente, parece complicado entender a história que trata a obra. O escritor tenta buscar vários caminhos, percorre episódios aparentemente desconexos, mas de repente, após a travessia do Rio São Francisco, a história começa a ganhar sentido (RÓNAI, 2001). Após esse evento a trama se desdobra em uma fantástica narrativa que envolve guerra, política, romance, traição, amor, ódio, crenças, poderes sobrenaturais e muito mais (ARRIGUCI, 2006). A narrativa “é construída na forma de um diálogo entre campo e cidade. Um visitante da cidade, um jovem doutor, passa três dias na fazenda de Riobaldo no sertão de Minas Gerais, para ouvir a história de vida desse ex-jagunço”.

O interlocutor assume o papel ouvinte, e aparece apenas em algumas observações feitas por Riobaldo (BOLLE, 1997/1998, p. 29). Riobaldo é o narrador da história e o personagem principal da obra. Este é apresentado como um ex-jagunço, dono de duas fazendas herdadas,

que na juventude trocou a carreira das letras pela jagunçada, mas, já velho e doente, conta a um visitante forasteiro, por meio de uma fala ininterrupta, como tinha sido a sua vida de aventuras no sertão (ARRIGUCI, 2006). Contudo, a história não envolve apenas aventuras. Por meio dela é possível desvendar muito mais. BOLLE alega:

[as] “veredas” ou “passagens” do grande Sertão configuram uma história do cotidiano, uma micro-história do dia-a-dia em contraposição aos feitos da historiografia monumental ou dos ministérios de propaganda. Como resposta à desvalorização do cotidiano sertanejo pelo olhar de quem olha de cima para baixo, as “veredas” representam uma inversão de perspectiva. Trata-se do olhar sóbrio de quem não idealiza a realidade sertaneja. O olhar de baixo, a perspectiva rasteira, a fala dos humildes (BOLLE, 1994/1995, p. 84).

Nessa micro-história, que retrata o cotidiano de homens sertanejos, não valorizadas por quem “olha de cima”, como retrata BOLLE, existem muitos personagens, entre os quais, pontuamos alguns e suas principais características: Joca Ramiro, que segundo Riobaldo seria o único capaz de tomar conta do Sertão, era chefe dos chefes, político, mas só em favor dos perseguidos. Um homem gentil, que se deixa guiar unicamente pela justiça. Hermógenes é descrito como um homem calado, muito sério. Riobaldo o odiava. Reinaldo, filho de Joca Ramiro, que tinha como nome verdadeiro Diadorim, era percebido como “diferente”. Tinha voz leve e traços finos, e por este Riobaldo viu-se apaixonado irresistivelmente. Uma aparente paixão entre dois jagunços, que lhe causou muitas inquietações, até a inesperável revelação que surgiu após a morte do seu grande amor.

Zé Bebelo, é outro personagem que merece destaque. Era um chefe de jagunços que queria ser deputado. Com ele as coisas eram sempre inconstantes, passava horas falando de si mesmo e gostava muito de dar conselhos. Dizia-se honesto, e que só sabia ser chefe porque havia nascido assim. Mencionamos ainda, Medeiro Vaz, um homem que ao largar tudo o que tinha, terras, casa e gados, havia assumido um dever que entendia ser seu. Frente à guerra instalada, com a qual vieram o roubo, a morte e o desrespeito pelas mulheres, escolheu sair pelo mundo sem rumo, para impor a lei (CONTI, 2006).

Não podemos deixar de citar também o compadre Quelemém, que seguia a doutrina de Cardéque, e de quem Riobaldo aceitava preces e conselhos (ROSA, 2001, p. 32, 127 e 131). Por último, citamos o seu padrinho Selorico Mendes, homem rico, que gostava muito de contar casos, que acolheu Riobaldo depois da morte de sua mãe, e lhe deixou uma boa herança.

O local geográfico pensado para a trama é o centro norte de Minas, uma região agropastoril, onde existem muito vaqueiros, contadores de histórias. Tais histórias teriam inspirado a invenção dessa obra literária. O amor entre dois jagunços, Riobaldo e Reinaldo ou Diadorim, que se inicia em um encontro na beira do Rio São Francisco e termina com a fatal morte de Diadorim, é o centro da obra. Na narrativa de Riobaldo, o grande chefe dos jagunços, Joca Ramiro, pai de Diadorim, é traído e morto por Ricardão e Hermógenes. Diadorim adquire grande desejo de vingança pelo seu pai, e em uma luta brutal contra Hermógenes, acaba morrendo. Após sua morte, descobre-se o seu grande segredo. Diadorim era na verdade uma moça virgem, uma linda mulher.

O fim do romance entre Diadorim e Riobaldo foi o início de outro lado da história, quando este abandona a jagunçada e casa-se com uma moça chamada Otacília, que sempre esteve à sua espera. A dor da perda irremediável é enfrentada por meio do apego à amizade e à religião (ARRIGUCI, 2006).

3) Religiosidade, Deus e o Diabo no Grande Sertão

A religiosidade, Deus e o Diabo, no decorrer da trama, são um dos aspectos relevantes da narrativa do personagem principal, e se manifestam desde as suas primeiras palavras até as últimas. Nas primeiras: “Nonada. Tiros que o Senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja”. E nas últimas: “Nonada. O Diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano”.

É interessante ressaltar que por alguns momentos, paira sobre o leitor, dúvidas acerca da existência ou não do Diabo na concepção de Riobaldo. Em uma situação ele diz: “o diabo vige dentro do homem”. Em outra, “não tem diabo nenhum, não existe” (ROSA, 2001, p. 23, 26, 31 e 624). Oliveira explica que, as narrativas de Riobaldo demonstram que o Diabo, de forma paradoxal, é aquele que amedronta, mas não existe. Este seria apenas uma representação das más ações humanas (OLIVEIRA, 2014, p. 138 e 144). De qualquer forma, um suposto pacto com o Diabo é descrito por Riobaldo:

Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. “Deus ou o Demo?” – sofri um velho pensar. [...] “Lúcifer! Lúcifer!... – aí eu bramei, desengulindo. Não. Nada. O que a noite tem é o vozeiro dum ser-só – que principia feito grilos e estalinhos, e o sapo – cachorro, tão arranhão. E que termina num queixume borbulhado tremido, de passarinho ninhante mal-acordado dum totalzinho sono. – “Lúcifer! Satanás!...” Só outro silêncio. O Senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais. – Ei, Lúcifer! Satanás, dos meus infernos! [...] Ele não existe, e não

apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido [...] (ROSA, 2001, p 437 – 438).

Após o pacto, o autor descreve um mal estar: “encostei na boca o chão, tinha derreado as forças comuns de meu corpo”. Riobaldo desmaiou. O pacto aconteceu, ou não? “O diabo existe ou não existe?”. Incógnitas que continuam a perdurar nas ideias do leitor (ROSA, 2001, p. 24 – 26). Nesse contexto, partes da fala de Riobaldo nos chamam atenção. Ele diz: tem “gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé”. “[...] Então? Que-Diga? Doidera”. “[...] Tem diabo nenhum, Nem espírito, Nunca vi”. “Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura” (ROSA, 2001, p. 24 – 26 e 32).

O que mais penso, texto e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, pra mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces do compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. [...] Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e nos domingos, um rosário (ROSA, 2001, p 32).

Em uma reflexão sobre religiosidade, Deus e o Diabo, destacados nos pequenas trechos apresentados, queremos pontuar algumas questões. A primeira diz respeito ao homem sertanejo apresentado por Rosa, que estava exposto a pobreza e miséria, e tinha suas perspectivas reduzidas a opções entre servir um chefe de jagunços ou a um fazendeiro explorador. Nessa situação, a saída encontrada estaria no pacto com o Diabo. Um pacto como esse não era almejado apenas pelo personagem principal da obra, mas representava ou “simbolizava um desejo coletivo” (BOLLE, 1994/1995, p. 92).

A segunda está relacionada ao fato de Riobaldo ter ganhado uma herança, a qual fez a sua vida mudar. Entretanto, para a posse dela, foi importante “seu estatuto de chefe de jagunços e a glória de ter vencido a batalha decisiva” (BOLLE, 1997/1998, p. 30, 32 - 34). Nesse sentido, podemos entender certa crítica implícita ao contexto social brasileiro, na ocasião.

BOLLE explica que apesar do pacto de Riobaldo com o Diabo ter sido interpretado de forma mitologizada por muitos, ele continua sendo uma “encruzilhada do romance, que precisa ser revisitada com vistas a um deciframento”. Não temos a pretensão de fazermos qualquer espécie de deciframento desse contexto, entretanto, voltando-se inteiramente para o cenário que o envolve, consideramos importante refletir um pouco.

Nesse caso, é interessante ressaltarmos que as questões metafísicas apresentadas são muito relevantes, uma vez que “ensinam mais sobre a história da modernização do Brasil do que mil bem-intencionados programas”. A partir desses elementos, é possível pontuarmos algumas questões de cunho social. Uma situação em que o estado de “guerra”, onde leis eram forjadas para substituição daquelas já existentes só poderiam ser protagonizadas pelo “Diabo”.

Riobaldo desejou ardentemente vencer essa guerra, mas, a vitória não poderia se dar por meio da atuação de um homem normal ou comum. Um pacto com o próprio Diabo era necessário (BOLLE, 1997/1998, p. 28). Fora essa situação, havia também a pobreza, miséria e servidão a que estavam expostos os homens do sertão. Nesse sentido, o que restava diante das intempéries da vida era um estado de “doidera²”. Deus e o Diabo surgem como alternativa para explicar o bem e mal vivenciada e a religiosidade como um remédio. Um analgésico para as dores humanas diante das angustiantes incertezas. Subconscientes do Brasil, apresentados de forma maestria pelo grande intelectual e escritor Guimarães Rosa.

4) Considerações Finais

O Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa é extremamente complexo, e por isso não nos coube uma análise aprofundada sobre o assunto em pauta. Contudo, por meio da exposição que fizemos sobre religiosidade, Deus e o Diabo, presentes nas narrativas de Riobaldo, foi possível observar subconscientes do Brasil. A guerra estava posta, as leis forjadas.

O bem e o mal só poderiam ter uma explicação: a existência de Deus e do Diabo. Frente as poucas opções do sertanejo, o que lhe restava era o desejo pelo “pacto” e a possibilidade de sucesso, ou a subserviência a um estado de degradação e a morte. A religiosidade era o subterfúgio, alívio frente as dores causadas pela dureza da vida.

² Expressão usada por Riobaldo.

Referências bibliográficas:

ARRIGUCI JR. Davi. Sertão: Marerios de Histórias. Grande Sertão: Veredas 50 anos. *O Estado de São Paulo*, 27 de Maio de 2006.

BOLLE, Willi. Grande Sertão: CI. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 80 -94, dez – fev. de 1994/1995.

_____. O pacto no Grande Sertão – Esoterismo ou lei Fundadora?, *Revista USP*, São Paulo, n. 36, p. 26 – 45, dez. – fev. de 1997/1998.

CANDIDO, Antonio. O Passado Também é Urgente. Grande Sertão: Veredas 50 anos. *O Estado de São Paulo*, 27 de Maio de 2006.

CONTI, Mario Sérgio. As Gentes. Grande Sertão: Veredas 50 anos. *O Estado de São Paulo*, 27 de Maio de 2006.

CRUZ, Iracema Andréa Arantes da. Fragmentos do Religioso na Travessia de Guimarães Rosa em “Grande Sertão: Veredas”. *Último Andar*, n.20, p. 62 – 69, 1º Semestre, 2012. Disponível em:<
file:///C:/Users/berna/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/10788-26653-1-SM.pdf. Acesso em: 27/12/2017.

MARTINS, Wilson. A Caminhada do Viator. *Jornal do Brasil*, 18 de Fevereiro de 2006.

OLIVEIRA, Elson Dias (2014). Deus e o Diabo no Grande Sertão: Veredas: Uma Leitura Antimaniqueísta. Número Especial temático sobre Literatura. *Millenium*, n. 46-A, p. 138-152, Nov. de 2014. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium46a/9.pdf>. Acesso em 27/12/2017.

PIZA, Daniel. Rosa dos Tempos. *O Estado de São Paulo*, 27 de Maio de 2006.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

RÓNAI Paulo. Três Motivos em Grande Sertão: Veredas. In: ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

STARLING, Heloisa. A República e o Sertão. Grande Sertão Veredas 50 anos, *O Estado de São Paulo*, 27 de Maio de 2006.